



(Versão em português abaixo)

Intervención de la Red Jesuita con Migrantes en la Segunda Consulta Temática del Proceso de Cartagena+40 “Inclusión e integración mediante soluciones alternativas, integrales y sostenibles”

Panel 1: Apoyo a las comunidades de acogida como elemento estructural de la integración social, coexistencia pacífica y cohesión social

Señores(as) embajadores y distinguidas delegaciones: soy Jerfferson Amorim, responsable de las relaciones institucionales del SJMR Brasil. Vengo en representación de la Red Jesuita con Migrantes.

Celebramos que el proceso de Cartagena+40 permitirá a los Estados poner a las personas en el centro de sus decisiones. Hoy, ellas viven los impactos de políticas restrictivas que, al intentar controlar y gestionar la migración, las desprotegen, afectando también a las comunidades de acogida. Esto lo evidenciamos especialmente en las fronteras y zonas marginalizadas de las ciudades donde se suelen asentar, que en ocasiones son zonas de riesgo de desastres socioambientales; ante ello, son necesarios programas de integración con enfoque de prevención, adaptación y mitigación de riesgos.

La mirada securitista y restrictiva en las políticas amplifica discursos y prácticas de criminalización, racismo, discriminación y xenofobia, que obstaculizan la integración. El Plan de Acción de Chile debe abordar la protección y la integración conjuntamente desde la interdependencia e indivisibilidad de los derechos de las personas, incluido el acceso a los derechos económicos, sociales, culturales y ambientales (DESCA) para que sean la base de la integración y el indicador sustantivo de la **calidad del asilo** en las comunidades de acogida, incluidos mecanismos de exigibilidad para acceder realmente a ellos.

El primer paso para ello es el reconocimiento de la condición de persona refugiada. Mientras se surte el proceso de reconocimiento, es necesario que las personas tengan seguridad jurídica para el acceso pleno a derechos y en igualdad de condiciones como las personas nacionales, garantizando

que los principios de igualdad y no discriminación por condición migratoria sean explícitos en las políticas públicas, con una perspectiva interseccional e intercultural.

Una buena práctica de ello fue la atención universal en salud durante la pandemia por Covid-19, muy útil actualmente para el acceso en salud mental y ante las violencias de género. Para avanzar y lograr una implementación no discrecional de las políticas, es muy importante la formación permanente del funcionariado público responsable del acceso a la salud, educación, vivienda, saneamiento, empleo y justicia.

Las personas con necesidad de protección pueden aportar en sus comunidades de acogida si se les reconoce su trayectoria y experiencia, y esto implica implementar [acuerdos regionales existentes para la convalidación de títulos académicos](#) y reconocer el derecho al trabajo digno y al acceso de medios de vida suficientes.

El Estado tiene la responsabilidad de garantizar procesos de integración y cohesión social a través de políticas públicas diseñadas con la participación de las personas con necesidad de protección y comunidades, eliminando las barreras que impiden el reconocimiento cultural, social y jurídico donde se toman decisiones que les afecten. La promoción de la cohesión social necesita políticas educativas y sociales desde un enfoque territorial, de derechos humanos, de construcción de paz y convivencia para consolidar una ciudadanía incluyente. Atención a la niñez migrante, especialmente aquella no acompañada, asegurando el interés superior y la unidad familiar como mecanismos para la integración suya y de quienes les cuidan.

Una adecuada implementación de las políticas requiere claridad de competencias, funciones y responsabilidades, sumado a una coordinación interinstitucional en sus diversos niveles centrales y locales, una coordinación multisectorial que incluya a las organizaciones de personas refugiadas, la sociedad civil y al sector privado, y una asignación suficiente de recursos financieros, humanos, técnicos y en infraestructura.

Recordamos la importancia de los esfuerzos regionales ya existentes para facilitar la circulación protegida de las personas, y ofrecemos nuestra experiencia de trabajo como organizaciones basadas en la fe para contrarrestar la discriminación y la xenofobia con el propósito de promover, proteger, acoger a integrar a quienes han tenido que desplazarse en busca de una vida digna y segura.

Brasilia, 16 y 17 de mayo de 2024



Intervenção Rede Jesuíta com Migrantes na Segunda Consulta Temática do Processo de Cartagena+40 “Inclusão e integração mediante soluções alternativas, integrais e sustentáveis”

Panel 1: Apoio às comunidades de acolhida como elemento estrutural da integração social, coexistência pacífica e coesão social

Senhoras (es) embaixadores e delegações: sou Jerfferson Amorim, padre jesuíta, e responsável das relações institucionais do SJMR Brasil. Represento a Rede Jesuíta com Migrantes.

Celebramos que o processo de Cartagena+40 permitirá aos Estados por as pessoas no centro de suas decisões. Hoje, elas vivem os impactos de políticas restritivas que, ao tentar controlar e gerir a migração, as desprotegem, afetando também as comunidades de acolhida. É o que evidenciamos em fronteiras e zonas marginalizadas das cidades onde costumam se situar, que, em ocasiões, são zonas de risco de desastres socioambientais; diante disso, são necessários programas de integração com enfoque em prevenção, adaptação e mitigação de riscos.

A visão securitária e restritiva nas políticas amplifica discursos e práticas de criminalização, racismo, discriminação e xenofobia, que obstaculizam a integração. O Plano de Ação do Chile deve abordar a proteção e a integração conjuntamente desde a interdependência e a indivisibilidade dos direitos das pessoas, incluindo o acesso aos direitos econômicos, sociais, culturais e ambientais (DESCA) para que sejam a base da integração e o indicador substantivo da **qualidade do asilo** nas comunidades de acolhida, incluindo mecanismos de aplicabilidade para realmente acessá-los.

O primeiro passo para isso é o reconhecimento da condição de pessoa refugiada. Enquanto o processo de reconhecimento está em andamento, é necessário que as pessoas tenham segurança jurídica para o acesso pleno a direitos e em igualdade de condições como as pessoas nacionais, garantindo que os princípios de igualdade e não discriminação por condição migratória sejam explícitos nas políticas públicas, com uma perspectiva interseccional e intercultural.

Uma boa prática disso foi a atenção universal na saúde durante a pandemia de COVID-19, muito útil hoje para o acesso em saúde mental e diante das violências de gênero. Para avançar e conseguir uma implementação não discricionária das políticas, é muito importante a formação permanente do funcionalismo público responsável pela atenção em saúde, educação, moradia, saneamento, emprego e justiça.

As pessoas com necessidade de proteção podem aportar em suas comunidades de acolhida se se lhes reconhece sua trajetória e experiência. Isto implica implementar acordos regionais existentes para a convalidação de títulos acadêmicos e reconhecer o direito ao trabalho digno e ao acesso aos meios de vida suficientes.

O Estado tem a responsabilidade de garantir processos de integração e coesão social através de políticas públicas desenhadas com a participação das pessoas com necessidade de proteção e comunidades, eliminando as barreiras que impedem o reconhecimento cultural, social e jurídico onde se tomam as decisões que as afetam. A promoção da coesão social necessita de políticas educativas e sociais desde um enfoque territorial, de direitos humanos, de construção de paz e convivência para consolidar uma cidadania inclusiva. Atenção às crianças migrantes, especialmente as não acompanhadas, garantindo o interesse superior e a unidade familiar como mecanismos para a sua integração e daqueles que delas cuidam.

Uma adequada implementação das políticas requer clareza de competências, funções e responsabilidades, somada a uma coordenação interinstitucional em seus diversos níveis, centrais e locais, uma coordenação multisetorial que inclua organizações de pessoas refugiadas, a sociedade civil e o setor privado, e uma destinação suficiente de recursos financeiros, humanos, técnicos e em infraestrutura.

Recordamos a importância dos esforços regionais existentes para facilitar a circulação protegida de pessoas e oferecemos a nossa experiência de trabalho como organizações religiosas para combater a discriminação e a xenofobia com o objetivo de promover, proteger, acolher e integrar aqueles que tiveram de se deslocar em busca de uma vida digna e segura.

Brasília, 16 e 17 de maio de 2024